



O Lábaro: a Porto Alegre do século XIX sob o olhar de um jornal literário positivista¹

STRELOW, Aline (doutora)²

ALIBIO, Nádia (graduanda)³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS

Resumo: No Rio Grande do Sul da segunda metade do século XIX, circularam cerca de 70 publicações literárias. Com as mais diversas orientações, essas folhas reuniam os grupos de escritores locais da época. Neste trabalho, que integra uma investigação mais abrangente, nosso objeto de pesquisa é *O Lábaro*, periódico literário de viés positivista, que circulou na capital, Porto Alegre, entre os anos de 1880 e 1881. A fundamentação teórica tem como base a História Cultural. Metodologicamente, partimos do modelo proposto por Robert Darnton para o estudo dos impressos, contemplando o circuito comunicacional que envolve o jornal – suas materialidades, atores envolvidos e relação com a sociedade. A análise mostra um jornal que se associa à vertente do jornalismo literário-independente, voltado ao dia-a-dia da cidade e a sua vida cultural.

Palavras-chave: História da Imprensa; História do Jornalismo; Imprensa literária no Rio Grande do Sul; Positivismo no Rio Grande do Sul

1. Positivismo em Porto Alegre – A construção de metrópole

Porto Alegre no século XIX vivia em meio à efervescência e à ambivalência. No início da década de 1880, os bondes puxados por mulas ainda eram uma novidade. Nas ruas da cidade, moças recatadas e homens bem vestidos transitavam a caminho dos bailes, das

¹ Trabalho apresentado no GT Historiografia da Mídia, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

² Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou pós-doutorado em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: alinestrelow@terra.com.br.

³ Estudante de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs). E-mail: alibio.nadia@gmail.com.



soirées, das peças de teatro, das sociedades literárias e científicas. Os cidadãos que compunham a elite econômica e intelectual da época sonhavam com uma metrópole do progresso, aquela que viria a ser considerada a *sala de visitas do Rio Grande do Sul* (BAKOS, 1998). O discurso da modernização perpassava os periódicos da época. A urbe ideal, a da ordem e do progresso, reconfigurou o mapa de Porto Alegre. Pesavento (1994) descreve o cenário:

Ruelas, becos, linhas tortas? Velhos prédios, cortiços e porões infectos? Bota abaixo e viva a linha reta, a rua ampla, deixando entrar a luz do dia. As preocupações arquitetônicas com a estética e a funcionalidade do espaço urbano juntavam-se aos cuidados morais e aos preceitos higiênicos. Como podia uma família passar tranquilamente pela cidade, se era a todo o momento obrigada a deparar-se com cenas escandalosas que se davam nos inúmeros becos que infestavam Porto Alegre? (PESAVENTO, 1994. p. 139).

Assim como no Rio de Janeiro, mas considerando as diferenças de escala entre as duas cidades, Porto Alegre também passaria a valorizar as marcas da renovação urbana. A transformação de uma parte do município gera o que Pesavento (2002) chama de *sensação de ser metrópole*. As mudanças nas esferas política, social, econômica e cultural que se iniciam no século XIX se inspiram nas ideias de modernização, cuja origem remonta ao iluminismo ilustrado do século XVIII, à Revolução Industrial e à Revolução Francesa (BELLOMO, 2003). “No século XIX, o positivismo de Comte desenvolveu bastante a ideia do progresso contínuo, expresso na bandeira brasileira, e com o tempo a ideia de progresso de confundiu com a ideia de modernidade”, explica Bellomo (2003, p. 21).

Influenciado pelas ideias positivistas, o jornal *O Lábaro*, nosso objeto de estudo, direcionava-se às elites instruídas da época. O grupo republicano e positivista era constituído, de acordo com Pesavento (2008), por jovens cultos, radicais em suas posições e embalados pelos desejos de progresso e modernização. Sonham com Paris, Rio de Janeiro e



Buenos Aires. “São todos bacharéis, médicos, engenheiros, filhos de proprietários rurais de origem luso-brasileira, que se unem aos empresários do comércio e da indústria vindos do mundo colonial-imigrante, de origem predominantemente alemã e italiana”, salienta a autora (p. 10). São eles os novos donos do Rio Grande que, juntos, passam a racionalizar a produção e a reorganizar a sociedade. A inspiração vem da Europa, os ideais republicanos e positivistas encontram eco na província.

A transição da monarquia para a república, que tem como marco o 15 de novembro de 1889, se deu diante de um processo de desescravização. A abolição, cuja lei foi assinada em 1888, teve como paralelo a entrada no país dos imigrantes estrangeiros: “Há um grupo social onde os valores de uma antiga sociedade, personificada pelos barões da terra e pelos marqueses da guerra, fazem frente aos usos e novos princípios norteadores da vida, trazidos por uma burguesia emergente, tanto rural como cidadina”, explica Pesavento (2008, p. 9).

Trata-se, no entanto, de um progresso cheio de paradoxos, passos adiante e retrocessos. A Porto Alegre que se projetava construir no início da década de 1880, período em que circula *O Lábaro*, embora distante apenas alguns anos da assinatura da *Lei Áurea*, apartava os negros dos espaços reservados à *boa sociedade*. A eles, restavam os becos de chão batido, espaços compartilhados entre escravos, prostitutas e praças.

Mas os confrontos entre diferentes ideias começam a aparecer. De um lado, o passado gaúcho de um complexo agropastoril latifundiário e militarizado. De outro, uma elite intelectual que já se articula para pegar o “trem do progresso” e se alinhar com o centro do país e da Europa. O processo de urbanização se arrastou lento durante o século XIX. A partir década de 1880, a capital da província começava a acompanhar o ritmo do processo industrial, o crescimento demográfico da cidade também cresce pela entrada de imigrantes italianos e alemães no Rio Grande do Sul. A cidade ia se expandindo ao passo que novos arraiais eram criados. Novas ruas, quarteirões, prédios iam aumentando o espaço



urbano de Porto Alegre. Uma nova classe burguesa formada por luso-brasileiros e impulsionada por imigrantes reivindicava asfaltamento, novas vias, linhas de bonde e estradas de ferro para ascender e expandir seus negócios; a necessidade de um sistema de comunicação eficiente também era imprescindível para o comércio (PESAVENTO, 1997, 2008). Essa elite também queria se divertir, assim, os espetáculos de ópera e teatro, as touradas, as corridas de cavalos, e as sociedades literárias eram as atividades culturais dessa população urbana.

2. A história cultural e o circuito da comunicação

Partimos da concepção de que nossa relação com o passado se dá por meio das narrativas. A história, como ensina Paul Veyne (1998), não é apenas uma série de acontecimentos, mas narração dessa série de acontecimentos. Este artigo integra o projeto de pesquisa *Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX – Textos e contextos*, no qual nos propomos a estudar os periódicos que circularam no período no estado, reservando à literatura espaço privilegiado em suas páginas. Pretendemos compreender os significados plurais dos textos que circulavam na sociedade da época e como os leitores se relacionavam com eles.

Ao estudarmos a história da imprensa, construímos nossa pesquisa em torno da questão discursiva, da produção de subjetividades, dos liames culturais e das relações de poder na sociedade (BARBOSA, 2005, p. 105). Como alerta Darnton (2010, p. 45), os jornais devem ser lidos em busca de informações a respeito de como os acontecimentos eram interpretados pelas pessoas da época, não como fontes confiáveis dos acontecimentos em si.

A abordagem metodológica da pesquisa terá como base o modelo proposto por Darnton (2010, p. 127) para o estudo dos impressos. Tal modelo parte da premissa básica de que é necessário um esforço do pesquisador para enxergar o objeto como um todo,



entender o ciclo comunicacional que lhe dá vida. “As partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas com o todo”, explica (2010, p. 126). O que o autor sugere é uma análise do circuito comunicacional que envolve o objeto – ou seja, suas materialidades, os atores envolvidos e sua relação com a sociedade. “É preciso desvendar quem escrevia nesses periódicos, que estratégias esses impressos empregavam para buscar um público mais amplo – ou seja, apelos, valores e estratégias evocadas no seu discurso -, como funcionavam essas empresas e de que forma os textos chegavam ao público”, esclarece Barbosa (2005, p. 104).

3. Culto às letras na segunda metade do século XIX

Segundo Damasceno Ferreira (1975, p. 13), desde a metade do século XIX, uma elite intelectual reunida em sociedades literárias estava implicada em difundir e produzir o culto às letras numa época em que o livro ainda era um artigo de luxo. A primeira aparição de um periódico literário foi o *Guayba*, em 1856.

Essas folhas eram, então, o meio de circulação da literatura, além da filosofia e da crítica. Apesar de a maioria ter como característica a efemeridade, as publicações desempenharam papel de destaque na divulgação de ideias e na formação de um público leitor, ávido por cultura. É essa geração, articulada em torno das folhas e grupos, que vai descobrir o Rio Grande para a vida literária, explorar a rico filão de seus costumes, hábitos e tradições. O estado de espírito romântico, já no ocaso em outras regiões do Brasil, serviu de estímulo e forneceu os modelos necessários (CESAR, 1971, p. 171). Esses grupos se preocupavam não só com a produção literária, mas também com princípios sociais e políticos. Assim, organizavam-se em sociedades, como a Partenon Literário, criada em 1868. “A iniciativa da criação de tal sociedade coubera a um grupo de jovens e representou então o primeiro esforço bem sucedido de agremiar, aqui, homens de inteligência”, saliente Cesar (1971, p. 175). Entre os membros, estavam Apolinário Porto Alegre, Carlos von



Koseritz, Caldre Fião e Múcio Teixeira. As mulheres também estavam presentes, representadas por Luciana de Abreu, Amália dos Passos Figueirôa, Luisa Azambuja e Revocata dos Passos Figueiroa de Melo. O diretor de *O Lábaro*, Azevedo Júnior, era membro da sociedade, como veremos adiante.

4. O cotidiano desenhado nas páginas de um jornal

A primeira edição de *O Lábaro* circulou no dia 10 de outubro de 1880. O jornal apresentava-se como uma folha literária e científica e era dirigido por Joaquim José Teixeira de Azevedo Júnior, responsável, na cidade, pelo lançamento dos periódicos *O Caixeiro* (1873-1879), *O Colibri* (1877-1878) e *O Contemporâneo* (1886-1888). Foi também colaborador do jornal *O Mercantil*, na tipografia do qual *O Lábaro* era impresso. Eram quatro páginas de texto, sendo 2\$000 a assinatura trimestral para o interior e 2\$5000 para o exterior (DAMASCENO FERREIRA, 1975). O pagamento, como assinalam as capas, deveria ser adiantado. A distribuição era feita aos domingos, embora haja o registro de atrasos por conta do excesso de trabalho na tipografia.

No primeiro número, o texto de abertura anuncia a filiação ao positivismo e destaca a importância da atividade jornalística para a difusão de ideias ao povo:

Retirados do acampamento das evoluções sociológicas e occultos da tenda de nossa obscuridade, de ha muito que projectavamos hastear na craveira luminosa da civilização o *Lábaro* de nossas crenças, apoiado nas verdades do positivismo. Este desejo, vemo-lo hoje, em parte, realisado.

(...)

Como já disse alguem: - *nunca é de mais um batalhador na liça onde em vez de polido aço lampeja o pensamento*. Atiramo-nos á luta, na esperança de que poderemos vencer. O espirito do seculo favorece os que procuram elevar-se pelo estudo. No meio do turbilhão das idéas a - imprensa - foi o ponto luminoso que divulgamos. O - jornal - é muitas vezes o crysol onde se depuram as grandes intelligencias, e nem só o livro é a biblia da humanidade.

N'elle, ha tambem pensamentos grandiosos, inspirações de verdadeiros talentos que por muito tempo viveram ignorados na onda



tumultuaria das vulgaridades. Alguns, igualitários á pleidade que cimenta de alicerces de futuro, deixariam de ter um lugar no Pantheon da posteridade se não existisse o jornalismo - esse Evangelho que é um auxilio poderoso da educação do povo. Baseados neste principio, arrojamo-nos a dar á luz da publicidade o *Lábaro* das idéas que abraçamos. É esta a nossa profissão de fé. (As nossas idéas. 10 de outubro de 1880, *O Labaro*, ano I, nº 01)⁴

De acordo com a análise de Damasceno Ferreira (1875), embora Azevedo Júnior pretendesse orientar o jornal conforme os preceitos positivistas, a folha não teria chegado a isso, nem mesmo poderia ser classificada como uma publicação científica. Para ele, seria, inclusive, uma publicação literária de nível inferior, se comparada com outras folhas do mesmo gênero da época, como *O Guayba*, *Revista do Partenon Literário*, *Revista Literária*, *O Mecenas*, entre outros títulos. “Sem recursos de cultura capazes de emprestar essa feição a seu jornal, a rigor é *O Lábaro*, como outras tantas publicações locais, um simples periódico literário e apreciável presença nas esferas intelectuais da Província e ao qual deram colaboração vários nomes da época, alguns já feitos, outros de estreantes promissores”, afirma.

O autor reconhece, entretanto, a presença do positivismo, mesmo que esporádica, em textos do jornal, que estariam ali “a fim de justificar sua condição de publicação, além de literária, científica e... positivista (...) A verdade, porém, é que, como já se assinalou, nas colunas d’*O Lábaro* predominam as criações de caráter apenas literário, raramente encontrando-se ali artigos (...) e muito menos estudos científicos ou ensaios filosóficos” (DAMASCENO FERREIRA, 1975, p. 127). Destaca, ainda, o espaço destinado a autores brasileiros e portugueses, em contraste com outros periódicos do gênero que limitavam seu espaço a nomes da província.

Os textos publicados, no entanto, em especial os artigos que ocupam as primeiras

⁴ Mantivemos a grafia original das palavras.



páginas, iniciando pela capa, demarcam a vinculação do jornal com uma ideia de progresso atrelada aos ideias positivistas e republicanos. Se não pode ser caracterizada como uma folha positivista em sua essência, já que o espaço aos textos literários, sem posicionamento político e filosófico definido, predominam, os artigos publicados deixam clara a intenção de se posicionar, mesmo que o êxito dessa empreitada possa ser questionado.

Como referido, destacam-se em *O Lábaro* diferentes gêneros literários. O poema e o romance-folhetim estão presentes em praticamente todas as edições. A crônica e o conto também têm seu lugar nas páginas do jornal. Em relação ao folhetim, vale destacar a publicação completa de *Um drama social*, do chileno Alberto Blest Gana, traduzido pessoalmente pelo proprietário Azevedo Júnior. A crítica de teatro também está presente - as peças, os diretores, as atuações e o comportamento do público são analisados, com fina ironia, por autores protegidos por pseudônimos - Frantz, Bibi e Kpadocio, entre outros. Por vezes, o jornal dedica uma coluna especialmente à crítica teatral, intitulada *Theatrics*. Na maioria das edições, no entanto, ela se encontra na coluna *Notas a lápis*, miscelânea de assuntos da sociedade letrada local. Além do teatro, estão lá as notas sociais, a cobertura dos jantares, das corridas de cavalo e as brigas intermináveis entre redatores de *O Lábaro* e seus congêneres em periódicos como *O Telefone* e *O Conservador*.

Pode-se dizer que, na coluna *Notas a lápis*, *O Lábaro* experimenta o jornalismo da época, através da interpretação e relato dos acontecimentos. Trata-se, não há dúvida, de um jornalismo opinativo, marcado, como dito há pouco, pela ironia, mas também pelo humor e pelo chiste. A esses elementos é dedicada ainda a coluna *Bimbalhadas - Verdades que parecem mentiras*, que disseca a vida pública local e faz graça do próprio periódico, como podemos verificar na edição de número 22 (05/06/1881):

Verdades que parecem mentiras
(...) Considerar monumentos de oratoria os discursos
proferidos pelos inteligentes deputados provinciaes.



(...) O nosso jornal ser o melhor que se publica em Porto Alegre.⁵

A cobertura do carnaval, da agenda do Theatro São Pedro e do Teatro das Variedades, a resenha de livros doados pela *Livraria Americana*, a crítica ao conservadorismo, tendo como alvo direto os jornais concorrentes, representam um esforço para narrar o presente da época, para marcar uma posição diante da realidade e para lançar ideias para o futuro.

5. *O Lábaro* de Azevedo Júnior

O proprietário de *O Lábaro*, Joaquim José de Azevedo Júnior, era um homem da imprensa. Sobre ela, escreveu:

(...)
A deusa imaculada, a triunfante imprensa,
Aquele que relata os feitos dos heróis
E faz da escuridão, da noite mais intensa
Um mar de viva luz mais clara que a dos sóis⁶.

Escritor, tradutor, poeta e jornalista, encontrou nos periódicos literários o espaço para mostrar sua arte e também suas opiniões. Foi dono de alguns jornais, colaborador de outros, publicou livro. Português, natural de Póvoa do Varzim, não há consenso quanto a sua data de nascimento. Segundo Martins (1978, p. 57), seria 17 de outubro de 1860. Damasceno Ferreira (1975, p. 72) diz que, em 1873, Azevedo Júnior contava 15 anos - teria nascido, então, em 1858. Vaz (2006) parte da certidão de óbito do jornalista que indica o nascimento em 1856 - assim, teria, no máximo, 17 anos ao dirigir seu primeiro jornal, *O Caixeiro*, em 1873, e 24 ao criar *O Lábaro*, em 1880. Embora o dado possa surpreender o leitor contemporâneo, o início aparentemente precoce nas lides da imprensa não consistia

⁵ Mantivemos a grafia original das palavras.
5

⁶ Trecho do poema *A imprensa*, traduzido para o português contemporâneo por Vaz (2006).



em raridade.

Azevedo Júnior teria vindo residir em Porto Alegre ainda criança. Sua carreira nos impressos teria iniciado em 1873, com o *Caixeiro*, que circulou até 1879. Nesse período e nos anos que se seguiram, colaborou com bom número de jornais locais, como *O Mercantil*, grande defensor da causa abolicionista, *O Telefone*, periódico literário destinado à *distração dos leitores*, como disse Damasceno Ferreira (1975), *Álbum de Domingo* e *O Colibri*, também literários.

Em 1877, estaria à frente desse último - embora sua direção não fosse declarada (DAMASCENO FERREIRA, 1975), Vaz (2006), em estudo sobre os imigrantes portugueses no Brasil, salienta essa função. Certo é que, entre os anos de 1880 e 1881, dirigiu *O Lábaro*. Era membro da Sociedade Partenon Literário, grupo com atuação importante na província, “quer pelo que realizou como entidade de fins culturais, quer pelo que fizeram individualmente os seus agremiados, cujos nomes passaram a capitanear a vida mental do Rio Grande”, como explica Cesar (1971, p. 172). Ao arrolar os nomes em evidência no Partenon, o autor não esquece de Azevedo Júnior. Como explica, eram, em essência, quase todos liberais e republicanos, salvo raras exceções. Aparecem já os futuros positivistas rio-grandenses, que entrariam em choque com os velhos liberais da monarquia. Azevedo Júnior estaria entre eles. A Sociedade Partenon Literário foi criada em 1868, 12 anos antes de *O Lábaro*. Possuía uma revista mensal, de mesmo nome, instituiu aulas noturnas gratuitas, lutou bravamente pela abolição da escravatura, procurou libertar a mulher de certos preconceitos da época, criou uma biblioteca, entre outras relevantes ações que influenciaram a vida cultural provinciana.

As ideias defendidas por *O Lábaro*, em muitos momentos, dialogam com os preceitos da Sociedade Partenon Literário. A atenção ao teatro é outra característica comum. E a trajetória de Azevedo Júnior, que também foi membro da Sociedade Dramática



Particular Luso-Brasileira, nos ajuda a compreender melhor o amplo espaço dedicado ao tema pelo jornal.

Findada a experiência de *O Lábaro*, Azevedo Júnior lançou o livro *Frisos de Luz*, impresso na Tipografia de *O Mercantil*. A obra reúne poemas do autor, alguns inclusive publicado em *O Lábaro*, e consiste no único livro conhecido de sua autoria. Em seguida, dirigiu *O Contemporâneo*, de sua propriedade, lançado em 1886. A publicação consegue se manter até 1888, mas o estado de saúde de Azevedo se torna grave e a publicação foi interrompida. No mesmo ano, ele morre de tuberculose (FERREIRA, 1975, p.146, 147).

6. A vida cultural da província em notas a lápis

A vida que emerge das páginas de *O Lábaro* convida a uma análise qualitativa, baseada em uma leitura exaustiva de seus textos, considerando, é claro, nosso distanciamento temporal. Tendo como base o circuito da comunicação, nossa escolha metodológica para a abordagem dos textos foi a análise de conteúdo qualitativa, inspirada em Bardin (1977). Catalogamos todas as edições disponíveis para pesquisa no acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa⁷, que compreendem a coleção completa do jornal. Ao todo, são 497 textos, publicados em 58 edições, ao longo dos anos de 1880 e 1881. Os exemplares analisados foram digitalizados e estão disponíveis para acesso via Internet na página de nosso projeto de pesquisa: www.ufrgs.br/jornaisliterarios.

O Lábaro circulava semanalmente, aos domingos, com quatro páginas. A capa reservava espaço a um artigo, de autoria de nomes locais ou de personalidades brasileiras e portuguesas, como Castro Alves, Guimarães Júnior, Lauro Sodré, José do Patrocínio, Brazílio Machado, Teófilo Braga e Fagundes Varela. Havia também espaço para a tradução

⁷ O Museu Hipólito José da Costa é uma instituição da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Seu acervo de jornais reúne mais de 3 mil títulos. Ao todo, são mais de 50 mil exemplares. Informações podem ser obtidas no site www.museudacomunicacao.rs.gov.br.



de originais estrangeiros, em especial franceses. Merece menção o romancista Victor Hugo, que não apenas tem seus textos publicados, como aparece citado em muitos desses artigos de capa, por conta de suas ideias e de sua defesa do progresso.

A capa trazia, ainda, a seção *Livro de registros*, onde são mencionados os títulos de periódicos enviados para a equipe do jornal, os convites recebidos - para jantares, peças de teatro, bailes, etc. Era uma coluna reservada à comunicação entre o jornal, seus leitores e parceiros. Exemplifica isso a edição de número 6 (14/11/1880), na qual a redação agradece o convite enviado pela *Philarmônica de Porto Alegre*, mas informa que, infelizmente, não será possível comparecer ao concerto. De modo contundente, o *Livro de registros* é utilizado para cobrar os assinantes inadimplentes. Isso porque a estratégia do jornal era enviar continuamente as edições para leitores que não as solicitaram - aqueles que não desejassem pagar, deveriam devolver os números na tipografia. É claro que muitos, mesmo não querendo pagar, não devolviam as edições e recebiam a cobrança da assinatura. Os conflitos decorrentes dessa estratégia não ficavam nos bastidores, mas eram divulgados na capa. Por vezes, eram cobranças gerais, como a publicada nesse mesmo número 6: “A certos assignantes: - Olhem que vocês são mesmos umas ingenuas creaturinhas. Se não lhes apparecesse a visita do cobrador, continuariam a receber o periodico”⁸. Mas havia cobranças mais diretas, como a que aparece no número seguinte (21/11/1880): “Aos Srs. A. P. F., J. M. e J. F. S. P. - Então suas senhorias só depois de receberem o 4º numero é que se lembraram que não queriam ser assignantes? Ora, meus amigos, isso só dando-lhes uma resposta que é muito conhecida. Enfim, tomamos nota e ficamos conhecendo-os”⁹.

Como já identificamos em outros jornais literários da época¹⁰, embora houvesse

⁸ Mantivemos a grafia original das palavras.

⁹ Mantivemos a grafia original das palavras.

¹⁰ STRELOW, Aline. Primórdios da imprensa literária no Rio Grande do Sul –



textos soltos, é clara a preocupação demonstrada em organizar o conteúdo, dividindo-o em seções, algumas delas com grande assiduidade nas páginas. No caso de *O Lábaro*, destaca-se a seção *Notas a lápis*, assinada por diferentes pseudônimos. A coluna já aparece na primeira edição do jornal, destacando o aniversário de seis anos da Sociedade Dramática Luso-Brasileira, a qual era integrada pelo proprietário Azevedo Júnior. São objeto de comentários do autor o drama *Lucia Dedier* e a comédia *Polacos e Russos*, encenadas em comemoração à data. “É este um dos dramas que tem sido representados satisfatoriamente por esta sociedade, que conta em seu grêmio moços de reconhecida vocação para o teatro”¹¹. A coluna informa que Azevedo Júnior recitou uma poesia, saudando a Sociedade. É possível que o texto seja de sua própria autoria, embora não possamos afirmá-lo com certeza.

No mesmo número, sob o pseudônimo Frantz, o colunista discorre sobre a visita de Bibi a Balduino Röehrig, fotógrafo estabelecido na cidade desde a década de 1860. Bibi teria ido ao atelier de Röehrig, situado então à Rua da do Rosário, em busca de um retrato em daguerreótipo:

O Sr. Balduino Röhrig polidamente recebeu-lhe a visita, escutou-o e momentos depois assestava contra elle aquella machina exquisita, invenção de Daguerre.

O caso é que nós, que estávamos presentes, vendo o Sr. Balduino cobrir-se com o tal panno preto e confundir-se com o seu *ganha pão* -, recuamos espavorido. Vejam o que são impressões da meninice. Julgamos estar ali perto de um *boi-tatá* ou cousa parecida¹².

O daguerreótipo chegou em Porto Alegre em 1853, com o fotógrafo italiano Luiz Terragno. Röehrig teria se instalado na década seguinte, primeiro à Rua de Bragança,

¹⁰ A história do jornal *O Guayba*. Trabalho apresentado no 9º Encontro Nacional de História da Mídia, em 2013. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/primordios-da-imprensa-literaria-no-rio-grande-do-sul-2013-a-historia-do-jornal-o-guayba>.

¹¹ Mantivemos a grafia original das palavras.

¹² Mantivemos a grafia original das palavras.



depois na Rua da Praia e, por fim, na Rua do Rosário. Conforme Damasceno Ferreira (1974, p. 14), era um artista bastante conceituado e em cujo atelier se faziam retratos conforme todos os sistemas conhecidos à época, inclusive os de chapa inteira, coloridos a óleo ou aquarela. O daguerreótipo era uma de suas especialidades. A fotografia, a exemplo do que ocorreu em outros lugares, popularizou, em Porto Alegre, a arte do retrato. Os preços cobrados, de acordo com o mesmo autor (p. 4) eram acessíveis, de 4\$000 para cima, de modo que não haveria pessoa, por pobre que fosse, que não pudesse ter a satisfação de guardar para o futuro agradáveis recordações de suas idades, parentes e amigos.

Na edição de número 9 do segundo ano do jornal (27/02/1881), são publicadas as *Notas carnavalescas*, uma cobertura bastante entusiasmada dos festejos do período na capital da província, com foco no ensaio da *Sociedade Esmeralda*. “Esteve esplendido o ensaio burlesco, que esta distincta e sympathica sociedade iniciou os seus festejos deste anno”¹³, afirmou o colunista, sob o pseudônimo Mephistopheles. Ele acompanhou o grupo pelas ruas da cidade, passando pela Bragança e voltando pela Rua da Igreja, e destacou as críticas bem-humoradas à Exposição Brasileira-Alemã, que se realizou em outubro daquele ano.

O carnaval já era, naquele momento, um dos grandes eventos culturais da cidade. E não só da aristocracia, com seus bailes e desfiles, como ainda o do povo, com suas máscaras, seus guizos e, sobretudo, com suas ativas estuchas e bisnagas (DAMASCENO, 1974, p. 56). Segundo o autor, em 1881, a festa porto-alegrense já se equiparava com a que se realizava no Rio de Janeiro. Os maiores bailes públicos ocorriam no Theatro São Pedro e no Teatro Variedades. Os bailes da Sociedade Esmeralda, da Germânia e dos Venezianos eram os mais luxuosos. No ano de 1881, “o povo, mais que nunca, se entrega de corpo e alma, aos prazeres do entrudo, dos desfiles alegóricos e das reuniões dançantes”, afirma (p.

¹³ Mantivemos a grafia original das palavras.



60).

Ensaivava-se, nas colunas de *O Lábaro*, uma espécie de jornalismo literário-independente (RÜDIGER, 2003), que se voltava para o dia-a-dia da cidade, com especial destaque para sua vida cultural. A sociedade letrada nascente encontrava nos periódicos dessa linha um espaço de construção, de contato com as coisas da literatura, do teatro e da cultura, de um modo geral. As coberturas de eventos sociais são fartas. Chama a atenção que os textos estão, em sua maioria, endereçados às leitoras, mas seus personagens e fontes são predominantemente masculinos. Elas liam e escreviam, mas ainda não eram notícia.

Referências

BAKOS, Margaret Marchiori Bakos. *Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre*. Estudos Avançados 12 (33), 1998, p. 213 a 226.

BARBOSA, Marialva. *Jornalismo impresso e a construção de uma memória para a sua história*. In BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005.

_____. *Meios de comunicação e história: um universo de possíveis*. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. *Mídia e memória: A produção de sentidos*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. *Por uma história cultural da imprensa*. In Alceu – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Vol. 2, nº 1, Julho de 2008.

_____. *Múltiplas formas de contar uma história*. In Alceu – Revista do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Vol. 10, nº.20, Janeiro a Julho de 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: 70, 1977.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902*. Porto Alegre: Globo, 1971.

DAMASCENO FERREIRA, Athos. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

_____. *O carnaval porto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.



- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.
- _____. *Porto Alegre e seu comércio*. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.
- HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. *Porto Alegre - finais do século 19: normalistas e moças bem comportadas*. In: *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre: UFRGS, UNISINOS, ULBRA, 1994.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituição Estadual do Livro, 1978.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras da desordem: violência e sensibilidade do sul do Brasil, final do século XIX*. In: *Sociabilidades, justiça e violências: práticas e representações culturais no Cone Sul (séculos XIX e XX)*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- _____. *Exposições Universais, espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil Meridional (1832-1922)*. Tese de doutorado em Literatura Comparada (UFMG), 2006. Disponível em [http://repositorio.furg.br:8080/bitstream/handle/1/2250/A%201%C3%ADrica%20de%20imigrantes%20portugueses%20no%20Brasil%20meridional%20\(1832-%201922\).pdf?sequence=1](http://repositorio.furg.br:8080/bitstream/handle/1/2250/A%201%C3%ADrica%20de%20imigrantes%20portugueses%20no%20Brasil%20meridional%20(1832-%201922).pdf?sequence=1). Acesso em 17/01/2014.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: UNB, 1998.